

VALENTINIANO I E O INÍCIO DE UMA NOVA DINASTIA

Carlos Eduardo Schmitt¹

RESUMO

O presente artigo busca trazer um panorama de Valentiniano I, fundador da dinastia valentiniana, a partir da visão do historiador Amiano Marcelino. O trabalho é fruto de uma pesquisa que visa aprofundar no conhecimento da relação entre a corte imperial e o Senado no início da nova dinastia. Tal esforço se viu personificado na figura do jovem senador Quinto Aurélio Símaco Eusébio, autor de dois panegíricos a Valentiniano I e um ao seu filho. Como forma de aprofundamento, trataremos de contextualizar também a cidade em que o imperador residia naquele momento, Tréveris, bem como algumas mudanças estruturais do período, como suas fronteiras-chave, o exército e o papel dos burocratas. Finalizaremos a pesquisa com algumas observações referentes a Graciano, filho do imperador.

Palavras-Chave: Valentiniano I, Símaco, Antiguidade Tardia.

ABSTRACT

This article seeks to bring a panorama of Valentinian I, founder of the Valentinian dynasty, from the perspective of the historian Ammianus Marcellinus. The work is the result of a research that aims to deepen the knowledge of the relationship between the imperial court and the Senate at the beginning of the new dynasty. This effort was personified in the figure of the young senator Quintus Aurelius Symmachus Eusebius, author of two panegyrics to Valentinian I and one to his son. As a way of deepening, we will also try to contextualize the city where the emperor resided at that time, Trier, as well as some structural changes of the period, such as its key frontiers, the army and the role of bureaucrats. We will finish the research with some observations concerning Gratian, son of the emperor.

Keywords: Valentinian I, Symmachus, Late Antiquity.

Introdução

Guiados pela obra *Res Gestae* do historiador Amiano Marcelino, dedicamo-nos a analisar a dinastia valentiniana. Amiano é essencial para compreendermos o seu fundador, Valentiniano I, já que descreve suas batalhas, seu temperamento, seus vícios e virtudes. Ainda que historiográfica, a obra contém uma biografia completa e narra de forma detalhada as batalhas contra os alamanos, tema tão recorrente nas *orationes* de Símaco dedicadas a Valentiniano, com o intuito de estreitar laços com a corte imperial. Vale dizer, a favor de sua credibilidade, que Amiano é um autor citado por praticamente todos os historiadores da época.

Para compreender o contexto a partir do local dos acontecimentos, Tréveris, utilizamos, sobretudo, Peter Heather (2005). Analisamos o impacto que aquela cidade romanizada quase na fronteira do Império deve ter causado ao jovem Símaco, e os ilustres amigos que fez durante

¹ Professor substituto de latim na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Letras Clássicas pela mesma instituição e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo (USP).

o período da corte, como o poeta Ausônio, tutor de Graciano. Ainda com a ajuda de Heather, realizamos um apanhado geral do Império, analisando o fenômeno da romanização dos povos bárbaros e concordando com a decisão de dividir o Império de acordo com aquilo que ele chama de fronteiras-chave: Reno, Balcãs e norte da Mesopotâmia. Além disso, Heather constata a transferência do poder do Senado para o exército e a burocracia imperial, esta última sendo uma característica própria do período. Gilvan Ventura Silva e Norma Musco Mendes (2006) contribuíram para a compreensão da dinâmica das transformações no interior do exército, esclarecendo que houve um aumento do efetivo militar, o que já era uma tendência desde fins do século II, com o imperador Marco Aurélio.

Graciano, o destinatário de um dos panegíricos, não tinha muitos feitos na época da composição da obra, dado que era apenas uma criança. Mas quando assumiu o posto de primeiro imperador após a morte de seu tio Valente, entrou para a história pelo seu embate contra os seguidores da religião tradicional romana e por ter sido o primeiro imperador desde Augusto a renunciar ao título de *pontifex maximus*.

Valentiniano I

James O'Donnell (2015, p. 171) esclarece que todos os imperadores do século IV após Juliano foram cristãos, começando por Joviano, quem retirou o exército romano da Pérsia e o conduziu em segurança a Antioquia. Morreu alguns meses depois, quando se dirigia a Constantinopla, sendo substituído pelo general Valentiniano, que governou até 375, seguido por seu irmão e filhos. Teodósio, então, assumiu o trono e veio a estabelecer uma dinastia que perduraria até meados do século V.

Marcelino (XXVI, I, 3) nos coloca a par do contexto histórico ao afirmar que as circunstâncias estavam difíceis pela morte de três imperadores num curto espaço de tempo. De fato, Constâncio, Juliano e Joviano haviam sido mortos, respectivamente, nos anos 361, 363 e 364. Buscava-se um governante que tivesse experiência e que ao mesmo tempo possuísse dignidade. Outros nomes antes de Valentiniano haviam sido propostos, como o de Aequitius e Januário. No entanto, foi apenas o de Valentiniano que não proporcionou nenhuma dissensão.

Apesar da unanimidade em sua escolha, Valentiniano foi urgido a nomear um segundo imperador. É muito provável que a principal razão tenha sido o medo de que o imperador viesse a morrer num curto espaço de tempo, como os anteriores. Marcelino²(XXVI, 2, 5-6) argumenta

² Sobre as coincidências entre o relato de Amiano Marcelino e os panegíricos de Símaco em relação à Valentiniano I, ler: CAMERON, Alan. The Roman Friends of Ammianus. The Journal of Roman Studies, Vol. 54, Parts 1 and 2 (1964), pp. 15-28. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/298646>>. Acesso em: 02/02/2018.

que antes do primeiro discurso do imperador, uma multidão estava incômoda com essa situação e que ele, ao perceber o alvoroço, levantou sua mão pedindo silêncio e iniciou seu discurso, deixando claro que foram eles quem o tinham escolhido e que ele não havia esperado ou desejado tal posto. Marcelino (XXXVI, 2, 9) reconhece a astúcia de Valentiniano em seu discurso ao tomar a recomendação de filósofos que, como numa amizade, aquele que fosse escolhido para reger o Império ao seu lado deveria ser testado para o cargo antes mesmo de assumi-lo, como se faz com uma pessoa quando é admitida à amizade de alguém.

Valentiniano escolheu seu irmão Valente para dividir o Império, apesar de nem todos estarem de acordo. Marcelino (XXVI, 4, 1) cita uma frase de Dagalaifus, comandante da cavalaria que, perguntado sobre quem poderia dividir o Império com Valentiniano, respondeu: “*‘Si tuos amas’ inquit, ‘imperator optime, habes fratrem; si rem publicam, quaere quem vestias’.*”³

Sobre a escolha de Valentiniano como imperador, Lee (2013, p. 21) destaca que ele tinha um passado semelhante ao de Joviano: veio dos Balcãs⁴ e seu pai possuía postos militares destacados. Algo importante para a escolha de Valentiniano foi, sem dúvida, o fato dele não estar associado ao reinado de Juliano e de sua derrota na expedição persa. Foi apresentado em Niceia e assumiu o trono em 26 de fevereiro de 364. Nessa mesma ocasião foi pressionado a logo indicar alguém para dividir o poder, dado o medo de uma morte repentina, como a ocorrida com o imperador anterior, Joviano. Sabemos que um mês depois nomeou seu irmão Valente como imperador. Tal decisão não foi tão óbvia, visto que Valente passou a maior parte de sua vida cuidando da propriedade rural da família e não tinha conhecimento nem das artes militares nem das liberais.

Tendo Valentiniano se despedido de seu irmão em Sirmio em agosto de 364 e partido para o norte da Itália e depois para o norte da Gália, em Tréveris, onde passou grande parte de seu reinado, Lee (2013, pp. 30-31) destaca que graças a isso a cidade passou por um período de desenvolvimento e prosperidade. Ali estava uma das prioridades de seu reinado: a segurança da fronteira do Reno contra ameaças de grupos bárbaros como alamanos, francos e saxões. Em geral Valentiniano foi bem-sucedido em seus esforços, apesar de às vezes se sugerir que o perigo tenha sido engrandecido apenas para proporcionar-lhe maior glória. De qualquer forma,

³ “‘Se amas os teus’ – diz – ‘excelente imperador, tens teu irmão; mas se amas o Estado, procura a quem vestir’.”

⁴ Gallego (2003, p. 167) esclarece que Valentiniano era de Panônia, que fazia parte da prefeitura do pretório da Itália, África e Ilíria.

são de conhecimento comum suas preocupações e estratégias como a de assassinar o rei Viticábio e conseguir ajuda dos burgúndios contra os alamanos.

Assim que Valentiniano dividiu o exército com seu irmão Valente (MARCELINO, XXVI, 5, 4-8), este começou a residir em Constantinopla, aquele em Milão. Foi então que os imperadores tomaram, por primeira vez, as vestes consulares. O Império havia sofrido perdas significativas, tanto na parte ocidental quanto na oriental. No ocidente os alamanos invadiram as fronteiras da Germânia, pelo fato de seus enviados aos quartéis gerais romanos não terem recebido as ofertas usuais, mas em menor quantidade, o que provocou sua indignação. Além disso, foram tratados de forma áspera por Ursatius, mestre de ofícios⁵. E, ao oriente, Procópio iniciara uma revolução. Tanto a invasão quanto a revolução chegaram ao conhecimento de Valentiniano no mesmo dia, por volta de primeiro de novembro de 365, quando estava a caminho de Paris. Como ambos os eventos haviam acontecido praticamente ao mesmo tempo, e como o imperador via-se na necessidade de optar entre um ou outro para garantir a vitória, Marcelino (XXVI, 5, 13) destaca que ele escolheu atacar os alamanos, arguindo que estes eram os inimigos de todo o mundo romano, enquanto que Procópio o era apenas de seu irmão.

Os alamanos vinham se fortalecendo com o passar dos séculos, desde quando haviam sofrido várias perdas com os ataques de Júlio César. Talvez os romanos tenham subestimado seu poderio. No confronto que tiveram, dois generais romanos foram mortos, Charietto e Severiano (MARCELINO, XXVII, 1, 1-6). Foi então que Jovino, comandante da cavalaria na Gália, atacou duas companhias de alamanos, vencendo uma terça parte deles em Châlons-sur-Marne, onde seis mil alamanos foram mortos e quatro mil saíram feridos (MARCELINO XXVII, 2, 1-9). Logo após a vitória, ao retornar a Paris, Valentiniano o nomeou cônsul, ao mesmo tempo em que seu irmão Valente lhe enviou a cabeça de Procópio (MARCELINO, XXVII, 2, 10).

O imperador havia sofrido uma grave doença e estava para morrer. Neste ínterim, cogitava-se Rústico Juliano como seu sucessor. Com a ajuda de diversos remédios, Valentiniano conseguiu se recuperar e em 367 apresentou seu filho diante do exército, nomeando-o Augusto (MARCELINO, XXVII, 6, 1-4). Num discurso, Valentiniano evoca a lealdade de seus súditos, e lembra que Graciano conviveu com os filhos deles e que o menino representa um laço entre o imperador e seu exército (MARCELINO, XXVII, 6, 6). Valentiniano sequer havia terminado seu discurso e a multidão de soldados, na narrativa de Marcelino

⁵ O *magister officiorum* era um dos cargos administrativos mais elevados do Império Romano tardio.

(XXVII, 6, 10-11), já ovacionava seu filho como augusto. Tal adesão e entusiasmo encheram o imperador de alegria.

Marcelino (XXVII, 7, 4-5) dedica parte de seu livro a narrar o temperamento de Valentiniano. O autor o considera uma pessoa propensa à ira e à crueldade, ainda que o tenha escondido durante os primeiros anos de seu governo, de forma a ganhar o apoio de seus súditos. Com o passar dos anos, no entanto, o temperamento cruel do imperador foi se revelando, ao ponto de executar pessoas de baixo escalão sem sérias razões para isso.

Marcelino (XXVII, 10, 1-2) retrata de forma detalhada a derrota dos alamanos e sua respectiva fuga para as montanhas, não sem antes um grande derramamento de sangue em ambos os lados. Rando, um dos príncipes alamanos, há tempo havia maquinado um ataque, e o fez durante uma festa da religião cristã, quando o exército estava menos preparado.

Os romanos começaram, então, a aumentar sua resistência após a morte do rei Viticábio, filho de Vadomário, o qual foi morto por um de seus servos, que logo após o ocorrido pediu refúgio em solo romano. Viticábio, segundo Marcelino (XXVII, 10, 3-4), era quem frequentemente acendia as chamas da guerra contra os romanos⁶. Foi assim que de início o Império logrou afrouxar um pouco as invasões alamanas.

Marcelino (XXVII, 10, 5-6) sublinha também a séria preocupação dos romanos em relação aos alamanos. Era um caso de segurança pública, visto que este povo se recuperava facilmente dos ataques sofridos, além de serem temidos por suas investidas traiçoeiras. O mesmo sentimento o tinham os soldados, porquanto este povo, suplicante ao começo, logo após se fortalecer, lhes ameaçava com o pior. É por esta razão que não lhes permitiram descanso ou cessação de guerra. Foi então que uma massa de tropas se reuniu e lhes foi fornecido alimentos e armas. Sebastiano comandou as legiões ilíria e italiana, e quando a estação quente começou, Valentiniano e Graciano cruzaram o Meno. Na ausência de inimigos à vista, o imperador dividiu o exército e avançou, estando ele ao centro e os generais Jovino e Severo guardando os flancos, de forma que não estivesse exposto a um ataque súbito.

Eles foram guiados por pessoas que, segundo Marcelino (XXVII, 10, 7-8), conheciam as estradas. O exército marchava lentamente num extenso campo aberto e os soldados estavam ansiosos para a batalha, ainda que há dias não encontravam ninguém. Devastaram campos e moradias, com exceção dos alimentos, que conservaram caso houvesse alguma necessidade. Marcharam até um lugar chamado Solícino, onde o imperador foi informado de que os alamanos tinham sido vistos à distância.

⁶ “(...) *ardores in nos saepe succenderet bellicos*”. (MARCELINO, XXVII, 10, 3).

Os alamanos, conhecedores do terreno, haviam se posicionado sobre uma montanha alta, que tinha acesso fácil apenas pelo lado norte. Os soldados romanos estavam ávidos pela batalha, esperando apenas o levantamento da bandeira para iniciá-la. Havia pouco tempo para deliberar, tanto pela ânsia dos soldados romanos como pelos gritos dos alamanos, que já estavam preparados para o confronto. Assim, Sebastiano tomou conta da parte norte da montanha, Graciano ficou para trás, por causa de sua juventude e inexperiência, e Valentiniano, com um grupo seleta, foi inspecionar algum outro caminho aos pés das colinas (MARCELINO, XXVII, 10, 9-10).

A ousadia de Valentiniano quase lhe custou a própria vida. Marchando por pântanos e lugares desconhecidos era um alvo fácil na mão do inimigo, que lhe havia preparado uma emboscada, através de um ataque súbito. Segundo Marcelino (XXVII, 10, 11-13), sua sorte foi seu cavalo, que conseguiu subir pela lama escorregadia e se refugiar no seio das legiões. Ele conta que até seu próprio escudeiro, que carregava seu elmo, havia desaparecido juntamente com ele. A batalha, no entanto, foi travada pelo lado norte, onde se concentrou o exército romano que, pouco a pouco, foi empurrando os alamanos e ganhando terreno. Os alamanos ficaram aterrorizados com os relinchos dos cavalos romanos e pelo toque de suas trombetas.

Ainda que o exército romano fosse superior em técnica, os alamanos eram audaciosos e muito fortes na luta corpo a corpo. Marcelino (XXVII, 10, 14-16) relata que por muito tempo a fortuna da batalha ficou indecisa, até que os romanos conseguiram cercar os alamanos. Estes, fugindo, foram mortos pelas costas. Logo após essa vitória sangrenta, Valentiniano voltou a Tréveris.

O imperador fortificou, segundo Marcelino (XXVIII, 2, 1-2), toda a margem do Reno, erguendo estrategicamente altas fortalezas e torres em intervalos frequentes. Em certos lugares convocou homens habilidosos e até mesmo mudou o curso de córregos. Marcelino (XXVIII, 2, 5) relata também como Valentiniano foi audaz ao ponto de construir uma fortificação no lado mais distante do Reno, no monte Pirus, que ficava naquele então no país dos bárbaros. Ele, aproveitando o momento de paz, se apressou para que ela ficasse pronta o quanto antes.

Certa vez, como resguarda Marcelino (XXVIII, 2, 6-10), os soldados romanos estavam cavando para realizar as fundações de uma de suas fortificações. Alguns chefes dos alamanos, pais de alguns dos reféns que os romanos haviam feito, imploraram de joelhos pelo resgate de seus filhos. Os comandantes romanos, no entanto, sabendo da necessidade de mantê-los para a permanência da paz, negaram veementemente o pedido. Como os chefes voltassem chorando e irritados, um bando de alamanos atacou os soldados romanos, que estavam despreparados.

Nenhum sobreviveu, com exceção de Siágrio. E é então que novamente se manifesta o caráter intempestivo de Valentiniano, que, considerando-o um desertor, deu-lhe um julgamento cruel.

Outro episódio da vida do imperador narrado por Marcelino (XXVIII, 5, 7) diz respeito aos saxões na Gália que, após uma trégua, foram emboscados pelos romanos. O historiador salienta que, apesar das críticas feitas por alguns juízes sobre o caso, considerando-o impróprio, visto que havia um acordo entre eles, a emboscada foi necessária por se tratar de uma massa de bandidos que deveria ser destruída na primeira oportunidade.

Os alamanos e seu rei Macriano ainda incomodavam Valentiniano, que cogitava diversas possibilidades para atacá-los e enfraquecê-los. Teve a ideia, então, de se aliar aos burgúndios, enviando mensageiros que os exortassem a atacar os alamanos num tempo determinado, com a promessa de que também ele cruzaria o Reno com os exércitos romanos. Marcelino (XXVIII, 5, 8-11) discorre sobre como essa notícia foi recebida com júbilo por eles, por um lado porque os burgúndios se consideravam descendentes dos romanos de tempos antigos e, por outro, porque também eles eram inimigos dos alamanos.

Valentiniano não cumpriu seu trato com os burgúndios e simplesmente não apareceu no dia marcado, deixando-os sem apoio. Seus reis se enfureceram a tal ponto que mataram todos os prisioneiros e voltaram para suas terras nativas. Aproveitando-se dessa ocasião tão oportuna, porquanto os alamanos se haviam dispersado por medo dos burgúndios, Teodósio, comandante da cavalaria naquele tempo, atacou os alamanos. Por ordem de Valentiniano, todos os prisioneiros foram enviados à Itália, onde receberam cantões de terra e começaram a viver como súditos romanos nas margens do Pó. (MARCELINO, XXVIII, 5, 12-13.15).

Marcelino (XIX, 3, 1-4) reflete sobre a crueldade de Valentiniano, quem não raro se deixava levar por uma paixão, o que era perceptível por sua expressão e tom de voz, além da alteração de sua cor. Era naturalmente selvagem, característica percebida desde sua juventude, quando espancou seu cachorro até a morte, por exemplo, por havê-lo mordido. Outro exemplo foi quando um ferreiro lhe preparou uma bela couraça e esperava por sua recompensa. Valentiniano, no entanto, percebendo que havia menos ferro na armadura do que o estipulado, ordenou que o ferreiro fosse morto com crueldade.

Marcelino (XIX, 3, 5) relata que um oficial do estábulo do imperador foi enviado à Sardenha para testar alguns cavalos a serem usados para o serviço militar. Ele trocou alguns, e por isso foi apedrejado até a morte. Há também Atanásio, considerado um artista em entretenimento, quem foi queimado vivo até a morte pelo uso de artes mágicas. Entre outras histórias, Marcelino (XIX, 3, 9) acentua a de que o imperador chegou até a ter duas ursos, para comer a alguns homens condenados à morte.

Apesar de sua crueldade e espírito rude, Valentiniano era um excelente comandante e estrategista. Com suas torres de vigilância, ele era capaz de prever os movimentos de seus adversários, especialmente dos alamanos. Um de seus objetivos era capturar seu rei, Macriano, que estava formando um exército cada vez mais poderoso. Para isso, fez secretamente uma ponte para atravessar o Reno. Como alguns comerciantes tivessem visto o ocorrido, e temendo os romanos que eles pudessem dizer algo ao inimigo, mataram a todos, tomaram posse de suas mercadorias e deram início aos ataques. Como os soldados tinham começado a saquear e incendiar o que viam pela frente, os assistentes do rei acordaram e, suspeitando do ocorrido, esconderam-no num desfiladeiro. (MARCELINO, XXIX, 4, 1-5).

Marcelino (XXIX, 4, 1-5) conta como Valentiniano foi privado da glória de capturar Macriano, não por sua culpa ou dos seus generais, mas pela indisciplina de seus soldados que, segundo o historiador, já havia causado custosas perdas ao Estado. O território almano foi reduzido a cinzas por cinquenta milhas, mas mesmo assim o imperador regressou triste a Tréveris.

Marcelino (XXX, 8, 1-3) elabora um resumo do que considera ser os defeitos do imperador Valentiniano. Sendo um homem inclinado à severidade, esquecia-se de que um governante deveria evitar todo tipo de excessos. Valentiniano não se contentava com castigos leves. Era um homem sedento de sangue. Torturava as pessoas às vezes com perigo até de perderem suas próprias vidas. E, diferente de outros governantes, nunca perdoava ninguém que tivesse sido condenado à morte. Segundo o autor, até mesmo os mais selvagens dos príncipes chegavam a perdoar em alguns casos, mas Valentiniano nunca.

A ganância do imperador, como atesta Marcelino (XXX, 8, 8-9), lhe cegou ao ponto de não ser capaz de distinguir entre o certo e o errado, e de buscar vantagens em cima da vida dos outros. Apesar das tentativas de alguns em justificar essa postura do imperador, Marcelino a condena por se tratar muitas vezes de atitudes desnecessárias, diferente de outros casos, quando estava em jogo a segurança do Estado. Em suma, o imperador queria sempre mais e não se via nele um espírito de auto-controle, encontrado em abundância em generais romanos passados.

Além da crueldade e da ganância, Valentiniano também era invejoso. Odiava os homens grandes, o bem vestido, o sábio, o rico, o corajoso, e queria constantemente superar a todos em tudo, aparentando ser superior em todas as qualidades. Chamava aos corajosos de covardes, mas ele mesmo empalidecia perante grandes perigos. (MARCELINO, XXX, 8, 10-11).

Marcelino (XXX, 9, 1) passa a enumerar as virtudes de Valentiniano. Descreve-o como um governante indulgente com os provincianos no quesito de tributos, aliviando o peso dos mesmos na medida do possível. Ademais, sempre foi oportuno na criação de cidades e defesas

fronteiriças. Exigente com a disciplina militar, punia até mesmo as ofensas mais leves dos soldados comuns.

Enquanto à vivência da castidade, Marcelino (XXX, 9, 2-3) relata que era puro em casa e no estrangeiro. Não se manchava com a luxúria, controlando a banalidade da corte imperial. Não privilegiava nem aos seus próprios parentes, os quais não aposentou nem honrou com cargos sem verdadeira importância para o Estado. A única exceção foi seu irmão, com o qual dividiu o Império, impelido pelas circunstâncias do momento. Valentiniano era cauteloso ao conceder posições de alto escalão.

Na guerra era hábil e cuidadoso, fosse atacando fosse defendendo, além de examinar todas as fileiras do exército. Sejam mencionados também, ainda que de passagem, seus talentos como pintor, modelador e inventor de armas. Marcelino (XXX, 9, 4) revela que o imperador falava pouco em público, mas quando o fazia era vigoroso até ao ponto da eloquência. Era um homem simples e apreciava banquetes, mas ao mesmo tempo evitava que fossem extravagantes.

Marcelino (XXX, 9, 5-6) finaliza a enumeração de suas virtudes afirmando que o reinado de Valentiniano foi marcado pela tolerância religiosa, sendo que permaneceu neutro em debates relacionados ao tema. Parecia não se importar com isso, e não obrigava ninguém a reverenciar uma ou outra religião, respeitando a crença de cada um na medida do possível. Enfim, sua figura majestosa era também complementada por sua força corporal, seus cabelos, seus olhos e estatura fina.

Valentiniano era um bom diplomata. Mitchell (2015, pp. 84-85) observa como o imperador, tendo assumido o controle da parte ocidental do Império em 365, tratou de manter suas fronteiras por meio da diplomacia. Segundo o historiador, o imperador romano conseguiu criar a ilusão de que havia uma aliança (*foedus*) entre os romanos e os líderes germânicos. Tal aliança dava a impressão de que estavam se abstendo de hostilidades aqueles que eram iguais em força, o que não correspondia à realidade. O imperador morreu em 375, devido à cólera que experimentou ao escutar as pretensões do povo dos quados, que habitavam o que hoje pertence ao território da Hungria.

Algo interessante foi o contato que Símaco chegou a ter com Valentiniano ao acompanhar-lhe durante uma de suas campanhas, como relata Gallego (2003, p. 167). Essa é, sem dúvida, uma das razões pelas quais seus panegíricos dirigidos a ele, sobretudo o segundo, estão repletos de descrições minuciosas. Valentiniano, no entanto, sufocou rebeliões e invasões também em outros lugares, como Britânia, Maurítânia e nas fronteiras do Danúbio.

Tréveris

Heather (2005, p. 34) especula que Símaco deve ter ficado impressionado com a grandeza e a romanização de Tréveris. Possivelmente maravilhou-se com o esplendor da basílica onde ele e sua embaixada entregaram a oferta de ouro ao imperador, bem como com seu anfiteatro, teatro, aqueduto de doze quilômetros, banhos, entre outras construções romanas. E não só construções, mas também intelectuais da cidade o impressionaram. Talvez o de maior impacto fosse Ausônio, quem fora designado por Valentiniano I para ser o tutor de seu filho Graciano, futuro imperador. Especialista em língua e literatura latina, constitui um símbolo de mudança no Império, visto que não era nem sequer da Itália. “O caso de Ausônio demonstra, novamente, até que ponto o mundo romano havia mudado. Como a cidade e as vilas de Tréveris, ele é representante de amplos padrões de transformação.” (HEATHER, 2005, p. 38).⁷

No começo do inverno de 368-369, Símaco liderou uma embaixada senatorial à cidade de Tréveris, então sede de governo do Império Romano, localizada na região do rio Mosela, atual Alemanha, onde faz divisa com a França e Luxemburgo. A razão da visita era presentear Valentiniano I por motivo de sua *Quinquennialia*.

Símaco e seus amigos estavam levando o ouro da coroa (*aurum coronarium*) ao imperador reinante, Valentiniano I. A coroa dourada era, em teoria, um pagamento voluntário que as cidades do Império entregavam aos imperadores durante sua ascensão e a cada quinto aniversário, de modo subsequente. (HEATHER, 2005, p. 22).⁸

O Império: fronteiras-chave, exército e burocratas

Heather (2005, p. 141) vê o século IV como um período de mudanças peculiares no Império Romano e uma delas foi a romanização de povos bárbaros:

Construído originalmente em poder militar, o Império implantou, através da vastidão que separa a Muralha de Adriano do Eufrates, uma ideologia abrangente de superioridade. No quarto século, os povos sujeitos haviam internalizado tanto o modo de vida romano que o estado de conquista original tinha evoluído a uma *commonwealth* de comunidades provinciais completamente romanas.⁹

Heather (2005, p. 28) menciona as três fronteiras-chave do Império: a do Reno ao ocidente (e com frequência o norte da Itália também), outra nos Balcãs, cobrindo o Danúbio e

⁷ “The case of Ausonius demonstrates, again, how far the Roman world had changed. Like the town and the villas of Trier, he is representative of broad patterns of transformation”.

⁸ “Symmachus and his friends were bringing crown gold (*aurum coronarium*) to the reigning emperor, Valentinian I. Crown gold was a theoretically voluntary cash payment, which the cities of the Empire handed over to emperors on their accession and on every fifth anniversary (*quinquennialia*) subsequently.”

⁹ “Built originally on military might, the Empire deployed, across the vastness separating Hadrian’s Wall from the Euphrates, an all-encompassing ideology of superiority. By the fourth century, subjected peoples had so internalized the Roman way of life that the original conquest state had evolved into a commonwealth of thoroughly Roman provincial communities.”

uma terceira ao oriente, no norte da Mesopotâmia. E foi por uma combinação de logística e política que os imperadores e burocratas emigraram da Itália. Houve a necessidade de dividir o Império para administrá-lo melhor. “Administrativamente, Antioquia ou Constantinopla estavam muito longe do Reno, e Tréveris ou Milão muito longe do oriente para um imperador exercer controle efetivo sobre essas três fronteiras-chave” (HEATHER, 2005, p. 29).¹⁰ O Senado já não exercia sua autoridade como outrora e foi progressivamente perdendo importância, ao ponto de se tornar, durante a Antiguidade Tardia, uma instituição muito mais cerimonial que propriamente de poder político.

Durante o século IV, a cidade de Roma perdeu significativa importância no Império, sobretudo por razões políticas, visto que os imperadores necessitavam operar em outros lugares, muitas vezes mais próximos às fronteiras. Além disso, Heather clarifica que:

Em vez do Senado Romano, o público político crítico do Império do século IV estava para ser encontrado em outros dois lugares. Um deles era um atuante de longa data do jogo da política imperial: o exército, ou melhor, seu corpo oficial. [...] A outra força política chave no final do Império foi a burocracia imperial (muitas vezes chamada de *palatino*: de *palatium*, palavra latina para ‘palácio’). Embora os burocratas não possuíssem o poder militar disponível a um general de primeiro escalão, controlavam tanto as finanças quanto os processos de elaboração e execução da lei, e nenhum regime imperial poderia funcionar sem sua participação ativa. (2005, pp. 27-28).¹¹

Heather (2005, pp. 62-63) especifica a mudança ocorrida também no exército romano. As legiões e tropas auxiliares se sofisticaram. O exército possuía agora os *limitanei* (tropas de guarnição das fronteiras) e os *comitatenses* (forças de campo móveis). E dentro dessas unidades, havia também especializações. Heather destaca três: os *sagittarii* (arqueiros montados), os *ballistarii* (soldados artilheiros) e os *clibanarii* (cavalaria blindada). Termina contrastando este exército com o de César. Enquanto este se baseava em grande medida no legionário a pé, os imperadores desse período davam mais ênfase à cavalaria. E sobre o aumento do efetivo militar, Silva e Mendes (2006, p. 207) esclarecem que foi uma tendência iniciada ao final do século II:

As fontes literárias atribuem a Diocleciano as principais mudanças na organização do exército romano. No entanto, é necessário reconhecer que Diocleciano segue a tendência de aumento dos efetivos militares já iniciada em fins do século II com Marco Aurélio e mantida por Septímio Severo e Caracala no século seguinte.

¹⁰ “Administratively, Antioch or Constantinople was too far from the Rhine, and Trier or Milan too far from the east, for one emperor to exercise effective control over all three key frontiers.”

¹¹ “Rather than in the Roman Senate, the critical political audience of the fourth-century Empire was to be found in two other quarters. One of these was a long-standing player of the game of imperial politics: the army, or, rather, its office corps. [...] The other key political force in the late Empire was the imperial bureaucracy (often called *palatine*: from *palatium*, Latin for ‘palace’). Although bureaucrats did not possess the military clout available to a senior general, they controlled both finance and the processes of law-making and enforcement, and no imperial regime could function without their active participation.”

Graciano

Silva (2006, pp. 260-261) salienta que após a morte de Valente em 378, na batalha de Adrianópolis contra os godos, Graciano assumiu o posto de primeiro imperador e associou o general cristão Teodósio ao poder imperial em janeiro de 379. Este e o bispo de Milão, Ambrósio, foram certamente os que influenciaram Graciano a romper os laços com a religião tradicional romana. Em 382 ele retirou da Cúria o altar da deusa Vitória, além de renunciar ao título de *pontifex maximus*, o qual até então todos os imperadores, desde Augusto, haviam aceitado. Graciano foi assassinado pelo usurpador Máximo, em Lyon, em agosto de 383. Foi por esses anos que se acirrou a luta por poder político, de onde os cristãos saíram vitoriosos. Silva (2006, p. 261) atesta que:

Quando tratamos da cristianização do Império Romano a partir da associação Estado/Igreja patrocinada por Constantino, devemos atentar para o fato de que a clássica noção de “triunfo da Igreja” é muito mais uma *constructio* dos autores eclesiásticos do que uma realidade histórica propriamente dita. De fato, como salienta Peter Brown (1996:41), foi um setor importante dos intelectuais cristãos que se encarregou, não apenas de revestir os atos governamentais contra o paganismo de um sentido de absoluta inexorabilidade, como se a ascensão do cristianismo fosse a realização da vontade divina na história, mas também de difundir a ideia de que o paganismo era uma crença sem fundamento, obsoleta, em outras palavras, uma *superstitio*. Muito embora as práticas pagãs existentes no fim do Mundo Antigo sejam descritas com parcimônia pela documentação, temos conhecimento da permanência do politeísmo em muitas regiões do Império, especialmente no Oriente, até o final do século VI [...]. Além disso, os pagãos não perderam, em diversas ocasiões, a oportunidade de acusar os cristãos pelos males do Império. Após o saque de Roma por Alarico, em 410, os pagãos começam a se referir aos *tempora christiana*, os tempos cristãos, pretendendo com essa expressão identificar uma nova época de angústia, dominada por uma crise de autoridade trazida pelo cristianismo, o que expressa a recusa dos círculos pagãos em admitir que o “triunfo da Igreja” fosse capaz de proporcionar, sob qualquer aspecto, um futuro de paz e prosperidade para o Império.

Mitchell (2015, pp. 86-87) destaca as consequências políticas da sucessão de Valentiniano. Em 367, quando sua vida corria perigo por causa de uma doença, ele promoveu seu filho Graciano, nascido em 359, ao posto de Augusto. Foi o primeiro imperador criança. Com a morte de Valentiniano em 375, outro filho seu, Valentiniano II, foi proclamado Augusto. Segundo o autor, esses tipos de sucessão indicavam que o poder estava de fato nas mãos dos generais do exército, que tinham na figura desses “imperadores-crianças” personagens de fácil manipulação. Nesse sentido, o exercício do poder se caracterizava, *mutatis mutandis*, por uma espécie de oligarquia.

Graciano não tinha as glórias de seu pai Valentiniano, e Símaco se viu na dificuldade de apresentar um panegírico a alguém que era ainda apenas um menino. Contudo, o orador, de modo magistral, soube lidar com esta dificuldade. E a forma, segundo Angelo Mai (1815, p. vi-vii), foi não focar nas ações (*rebus*) para persuadir o auditório, mas sim em palavras (*verbis*) e recursos oratórios praticamente fingidos (*paene confictis ornamentis*).¹²

Conclusão

Como vimos ao longo do trabalho, o século IV foi o período dos imperadores que se viram forçados a se retirar dos confortos de Roma para proteger suas fronteiras. Roma foi substituída como residência imperial por Tréveris, Milão, Sirmio e Antioquia. Com a criação de Constantinopla por parte do imperador Constantino, essa situação só se agravou. De qualquer forma, o tema que domina o século foi a história militar. Espera-se que este trabalho possa ter contemplado as transformações estruturais do período. Não é um Império em decadência, mas sim um momento de transição. Diocleciano, Joviano e Valentiniano eram todos militares nascidos nas províncias da Ilíria, o que plasma uma mudança no eixo do poder. Desde a ascensão de Diocleciano em 284 até a morte de Teodósio I em 395, o Império foi governado por esses imperadores guerreiros, que aniquilavam inimigos internos e externos. O Estado estava centrado em guerras e batalhas e todas essas mudanças foram desafiadoras para que o Senado lograsse manter boas relações com o imperador

Esse período foi especial também por sua produção literária e pela quantidade de escritos que sobreviveu ao tempo. Segundo O'Donnell (2015, p. 161), há mais literatura latina que nos chegou entre 350 e 450 do que de qualquer outro período, mais até mesmo que a época de ouro latina, entre o final da República e começo do Império.¹³

Os autores utilizados para o contexto histórico foram fortemente influenciados por Peter Brown e sua abordagem alternativa sobre o tema, em seu livro "*The World of Late Antiquity*". Em parte, devemos a ele o termo "Antiguidade Tardia", utilizado ao longo do artigo em suas diversas acepções. Nosso trabalho tratou de demonstrar, ainda que de forma indireta, como Brown rompeu o paradigma estabelecido no século XVIII por Gibbon, quem defendia apenas uma decadência do Império Romano. Ele foi um dos pioneiros em reconhecer características únicas desse período na história. Obviamente já não se tratava do Período Clássico, mas

¹² "*Et in Valentiniani quidem laudationibus veram amplamque materiam sibi subiecit Symmachus. At in Gratiani pueri laudatione non tam rebus ipsis quam verbis ac paene confictis ornamentis animus auditoris tenendus erat.*"

¹³ "We have more surviving Latin literature from this century between 350 and 450 than for any comparable period before that, including the more famously golden age of Caesar, Cicero, and Vergil."

tampouco se iniciara a Idade Média. Se este momento, único na história, vem sendo cada vez mais estudado desde a segunda metade do século XX, é graças ao historiador Brown. No entanto, sabemos que o tempo será o melhor a julgar essa descoberta. Como escreveu Heather (2005, p. 191): “Mas a imediata reação emocional a qualquer grande evento raramente é o melhor indicador de seu real significado.”¹⁴ A Antiguidade Tardia é ainda um mundo a ser explorado, não somente desde uma perspectiva de seu conteúdo, mas, sobretudo, da metodologia para adentrar nesse período.

Referências Bibliográficas

AMMIANUS MARCELLINUS. *Rerum gestarum libri qui supersunt*. Vol II edited by Jeffrey Henderson with an English translation by John C. Rolfe. Cambridge, Loeb, 1940. Reprinted 2000.

_____. *Rerum gestarum libri qui supersunt*. Vol III edited by G.P. Goold with an English translation by John C. Rolfe. Cambridge, Loeb, 1940. Revised and reprinted 1986.

CAMERON, Alan. *The Roman Friends of Ammianus*. The Journal of Roman Studies, Vol. 54, Parts 1 and 2 (1964), pp. 15-28. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/298646>>. Acesso em: 02/02/2018.

GALLEGO, José Antonio Valdés. In: SYMMACHUS, Quintus Aurelius. *Informes – Discursos*. Introducciones, Traducción y notas de José Antonio Valdés Gallego. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 2003.

HEATHER, Peter. *The Fall of the Roman Empire – A New History*. London: Macmillan, 2005.

LEE, A. D. *From Rome to Byzantium AD 363 to 565 – The Transformation of Ancient Rome*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2013.

MAI, Angelo. *Editoris praefatio*. In: SYMMACHUS, Quintus Aurelius. *Q. Aurelii Symmachi Octo orationum ineditarum partes*. Invenit notisque declaravit Angelus Maius. Mediolani: Bibliothecae Ambrosianae, 1815.

MITCHELL, Stephen. *A History of the Later Roman Empire, AD 284-641*. Oxford: Blackwell, 2015.

O’DONNELL, James J. *Pagans: the end of traditional religion and the rise of Christianity*. New York: HarperCollins, 2015.

¹⁴ “But the immediate emotional reaction to any great event is rarely the best indicator of its real significance.”

SILVA, Gilvan Ventura. *A Relação Estado/Igreja no Império Romano (séculos III e IV)*. In: SILVA, Gilvan Ventura & MENDES, Norma Musco (org.). *Repensando o Império Romano – Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 241-266.

SILVA, Gilvan Ventura & MENDES, Norma Musco. *Diocleciano e Constantino: a construção do Dominato*. In: SILVA, Gilvan Ventura & MENDES, Norma Musco (org.). *Repensando o Império Romano – Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp. 193-221.

*Recebido em setembro de 2018.
Aprovado em dezembro de 2018.*